

Portfólio de contos

Escrita criativa

Prof. Marcio Markendorf

Universidade Federal de Santa Catarina

Victor Toth – 15102220

0.0

Este portfólio é uma seleção de dez textos trabalhados ao longo do semestre – Contos, poesias, micro-contos e um roteiro adicional. Os contos encontrados aqui seguem, respectivamente, trabalhados nas seguintes temáticas:

1. Medo
2. Inversão de ponto de vista
3. Anos 80 (sob a perspectiva de detalhes)
4. Intertextualidade (baseada em filmes ou pinturas)
5. Estória invisível
6. Narrativas de final aberto (baseadas em quadro de Edwar Hopper)
7. Vioência (trabalhada em forma de diálogo)
8. Erótico (sob a perspectiva fantástica absurda)
9. Poesia (baseada na bomba de Hiroshima)
10. Micro – contos
11. Roteiro de narrativa alienígena

O processo criativo foi intenso. Na maioria esmagadora das vezes, fora de uma zona de conforto. Contudo, foi uma experiência memorável escrever sobre os mais diversos assuntos e me surpreender com resultados – positivos e negativos – que surgiram durante a disciplina.

Esses contos foram escolhidos, pois, considero que eles cumpram a sua função em relação as temáticas e estruturas propostas. Houveram outros contos, que, apesar de me agradarem, não entraram para este compilado pois, de um modo ou de outro, se desviaram do propósito do exercício.

P.s – Apesar das minhas inúmeras revisões, peço perdão por erros ortográficos. Pois, a gramática, é uma bela arte na qual eu falho constante e miseravelmente.

Sumário

As tulipas de Bimbo.....	4
Um pequeno problema de encaixe.....	6
Thriller em segredo.....	8
Vovô Joe: o contador de histórias.....	11
Amigos até o fim.....	14
O velho senhor Hopper.....	16
As preliminares de um jantar em família.....	18
“Kaba” sutra.....	20
Sementes soterradas.....	22
Micro-Contos.....	23
Infância perdida.....	23
Cavalheirismo.....	23
Carnaval.....	23
O regresso.....	24

As tulipas de Bimbo

As vezes é complicado ser diferente, e ser diferente não significa ser totalmente diferente. Basta apenas um detalhe. Para Bimbo, que na verdade se chamava Bruno Impillo Botelho, era o seu medo de cachorros. Todo menino ou menina de nove anos sonhava em ter o seu cachorrinho. Um companheiro para a vida. Menos o Bimbo. No momento a única coisa que Bimbo, assim como sua vizinha Arianne, e como todas as outras crianças queriam, era a sua bicicleta de volta.

No bairro das Rosas era raro os pais levarem seus filhos à escola. Há muitos anos quando se completava oito anos ganhava-se uma bicicleta. Contudo, durante aquela primavera, um fenômeno esquisito estava fazendo a tristeza de todas as crianças. A umidade elevada e as brisas constantes estavam enferrujando todas as bicicletas. Bimbo, que antes ia pedalando sozinho, começou a ir para a escola caminhando junto com a Arianne (um acordo entre pais). Contudo, assim que chagavam, Bimbo ia logo se encontrar com seu melhor amigo Fred. E em uma quarta feira ensolarada, Fred estava radiante. Ele havia finalmente conseguido uma tulipa do jardim do Sr. Antônio Augusto.

No colégio primário do bairro das Rosas, havia um costume peculiar. Quando se gostava de alguém, era necessário roubar uma tulipa do jardim do Sr. Antônio, o mais belo e premiado da região. Havia apenas uma dificuldade. Cérbera, a cadela que morava no jardim.

- Mas como eu já te disse Bimbo! – Explicou Fred - Ela dorme a noite, e se ela acorda, está presa por uma enorme corrente. Então foi muito fácil, que nem pegar um copo de água na cozinha.

- Ainda bem que eu não gosto de ninguém – Respondeu Bimbo com satisfação – Eu iria odiar entrar lá no jardim com aquele monstro de quatro pernas.

A escola estava sofrendo junto com as bicicletas. Armários e carteiras já haviam enferrujado o suficiente para que pais viessem a escola tirar satisfação. Mas isso era um problema dos adultos. No final do dia, Bimbo foi até a sala 23 com Fred para que ele pudesse entregar a flor para Júlia, uma menina loira, branca como o leite, de cabelos longos e nariz pontudo. Praticamente um inverso da Arianne. Bimbo esperou no corredor e assim que Fred entregou a flor, os dois saíram em disparada rindo e comemorando.

No começo daquela primavera, Bimbo havia reclamado sobre como era chato ir para a escola andando ao lado de Arianne, de como ela ficava falando do bolo de laranja da vó dela e de como o cabelo dela era esquisito. Depois de uns dias, o pobre Fred já não aguentava mais ouvir o quanto ela era legal e diferente das outras meninas que eles conheciam, porque ela jogava bola, ela gostava do Homem-Aranha e mais mil e outras coisas.

-Bimbo, por que você não pega uma tulipa pra ela logo? E aí pronto, fica tudo resolvido!

- Mas eu tenho medo de ir lá... – Bimbo disse com vergonha – Você sabe que eu não gosto de cachorros.

- Idáí, eu já disse, você nem vai ver o cachorro, e ele fica preso de noite.

- Por que você não vai lá e pega pra mim? Eu posso fazer a sua lição uma semana!

- Hum... Tentador, mas não. Por que aí não faz nenhum sentido. Olha, você sabe que eu tenho medo de avião certo?

- Sim idáí?

- Idáí Bimbo, que eu já andei de avião! E o que aconteceu comigo?

- Você chorou no avião, a sua mãe me contou.

- Tá, idáí... eu já disse que foi por que o meu ouvido doeu... Mas o que importa que eu estou aqui e estou inteiro! Nada vai acontecer com você só porquê você tem medo!

- Não sei não...

- E outra coisa, ouvi dizer que o André vai pegar uma flor pra ela depois de amanhã!

- E como você ia saber disso? – Respondeu Bimbo apreensivo.

- A Júlia me contou. Eles são da mesma sala. Ai, se a gente pegar a tulipa hoje você quem ganha!

- Tudo bem então, nove horas atrás da cerca da casa do Seu Antônio.

- Tá, não esquece de levar algo pra cortar a flor.

As nove horas Bimbo estava esperando Fred, que chegou alguns minutos atrasados e disse que teve que levar o lixo pra fora. Logo, o plano foi feito. Bimbo entraria por baixo do cerco no buraco que todos usavam para roubar a flor, e Fred subiria na mureta para ficar de olho no Jardim caso alguma coisa acontecesse. Contudo, já no início as coisas ficaram mais fáceis. Assim como as bicicletas a grade do cerco do jardim estava enferrujada, e bastou um puxão para abrir um buraco grande o suficiente para Bimbo passar.

Todos em suas posições, e, as nove e quarenta e oito o plano teve início. Tudo tranquilo, uma noite silenciosa e agradável banhada pela luz do luar. Fred conseguia ver Cérbera dormindo ao lado de sua casinha com a corrente no pescoço. Fez sinal de positivo para que Bimbo caminhasse até as tulipas. Bimbo andava devagar com medo de acordar a cadela. Faltavam apenas alguns metros. Bimbo tirou o canivete de seu pai do bolso e abriu uma tesourinha. Enquanto ele escolhia a tulipa mais bonita começou a sentir um forte cheiro que fez o seu nariz coçar.

ATCHIIIIIIIM!

Fred pode observar o medo tomando conta de seu amigo conforme a cachorra dava seus primeiros latidos. Mas apesar do esforço da cachorra Fred viu que ela estava presa pela pesada corrente que ele havia previsto.

- Ela tá presa Bimbo! Pega essa flor e corre pra cerca!

Ela realmente estava presa, mas a sutileza dos movimentos de Bimbo já haviam morrido, ele cortou qualquer flor e correu enquanto a cadela dava trancos em sua coleira. Bimbo já estava perto da cerca quando em um tranco mais brusco, a corrente arrebentou e Cérbera correu atrás do menino, “Corre Corre!” gritava Fred enquanto Bimbo deslisava entre as flores. O latido ficava cada vez mais alto. Fred perdeu Bimbo de vista. Podia ouvir seus passos, Podia ouvir latidos. E de repente silêncio. Fred chegou perto do buraco na grade e sussurrou o nome do amigo. Estava prestes a entrar quando pode ver os olhos brilhantes da cadela no meio das plantas. Um medo enorme o percorreu da nuca até o meio das costas. Fred correu em busca de ajuda.

No dia seguinte Bimbo não foi à escola e Fred teve que contar tudo o que havia acontecido para um sujeito de terno. A mãe de Fred disse a ele que Bimbo sua família havia se mudado, mas que ele poderia escrever cartas para o amigo que ela colocaria no correio. Sobre Bimbo, nada mais se soube. Sobre Fred, que nunca mais andou de avião, e que agora, tem medo de cachorros.

Um pequeno problema de encaixe

Rayssa Banner era muito bonita. Gostava de ler, de ir à exposições de arte e ao cinema – mas se bem que essa coisa nova de 3D a incomodava profundamente. Aliás, ela não saberia dizer se odiava mais o 3D ou as benditas das lentes de contato. Em fim, Rayssa era no mínimo inteligente e interessante. Só tinha um pequeno, se é que podemos descrevê-lo assim, problema: Rayssa era gorda! Gorda mesmo! Não era forte, nem fofa e muito menos gordinha. Ela era REDONDA!

Meu Deus! Mas que sofrimento que eram essas, ou melhor, essa única curva elíptica que era a Rayssa. Bom mesmo era o tempo que apreciavam a sua beleza. Ela sempre era procurada, elogiada, e até mesmo invejada. Mas aí o tempo foi passando, e passando, e as outras começaram a ficar menores, magrinhas e magrinhas. E assim foi. Do dia para noite. Assim como um celular velho deve se sentir quando lançam um modelo novo. Melhor, mais fino e “bonito”. Essa era Rayssa. E, para falar a verdade, lá no fundo Rayssa achava aquelas outras todas a mesma coisa: feias e frágeis. Umas quadradas!

Mesmo assim, tudo corria bem. Rayssa tinha o seu homem e eles eram inseparáveis. Ou assim ela pensava. Pensava até que um dia Erivaldo a deixou. Deixou-a por uma coisinha sem sal, uma coisinha inexperiente e mais nova. Nossa como aquilo doeu. Maldito seja aquele velho do Erivaldo. Miserável! Filho da puta! Velho cego! Ufa! Passou! Ou quase... Ainda era bem ruim. Agora ela estava sozinha, sem casa, sem ninguém. Rayssa definitivamente não tinha nascido pra ficar sozinha.

Ela iria procurar outro alguém.

Eis outro problema que começava a surgir. Além de gorda, Rayssa não era muito nova. E os caras mais velhos... Veja bem, eles costumam estar sempre acompanhados. Muitos deles com as outras da mesma época de Rayssa... Miserável do Erivaldo com aquela crise da meia idade.

Alguns meses de solidão se passaram e Rayssa resolveu começar de maneira simples. Um shopping. Ela não tinha mais paciência para lugares agitados, logo, por que não? Alguns passavam por ela, outros encaravam mais... Mas ninguém muito interessante. Bom... Para manter a total honestidade da história, devo contar que alguns até chegaram a fazer contato. Jerômio, um homem alto e elegante de família libanesa levou-a para sair algumas vezes. Jerômio gostava de ler, de ver filmes – também não gostava muito do 3D – e adorava arte. Perfeito! Só tinha um pequeno, se é que podemos descrevê-lo assim, problema: Aquele narigão duro e pontudo tipo uma espada! Ai ai ai, aquilo ali não era para Rayssa. Aquele narigão sempre incomodava toda vez que ela e ele iam... Bem... Se encaixar. Cutucava e machucava bem ali... No meio, vamos dizer assim, onde é mais frágil mesmo.

Outro, Cauê. Um vendedor de carne. Não gostava de nada que Rayssa gostava, mas era homem bonito. Tinha a orelha meio torta, mas quem se importa? Cauê era intenso, vivia metendo aquela mão suja de gordura nela – Coisa que, secretamente ela até gostava. Ninguém é santo – mas tinha um problemão: Toda vez que eles estavam... Bem... Encaixados, doía alí atrás! Meu mas como doía, e quando não doía coçava e quando não coçava incomodava horrores.

O shopping havia sido uma péssima ideia afinal de contas.

Rayssa resolveu então, tentar em algumas dessas feiras mais alternativas, nas quais as pessoas costumam ser um pouco mais receptivas. De fato, houve mais conversa, houve mais

olhares, mas de gente pouco interessante. Como é que se chamava aquele povo mesmo... “Hipsters”... Ah... Malditos Hipsters! Por trás daquele estilo culto e vintage, eram só um bolo de moleques punheteiros e remelentos. Mas aí, algo inesperado aconteceu... Uma mulher veio ter com ela! Rayssa estranhou um pouco no começo... Mas, como diz por ai um dos nossos pensadores contemporâneos, “nunca diga nunca”!

Cassandra era igual Rayssa, em peso e personalidade. Não tinha o nariz grande, nem machucava ou incomodava ali atrás. Mas sei lá, elas não eram um casal. Não como tinha sido com Erivaldo.

Depois de Cassandra veio a Giovana, a Clara, a Bianca, a Flávia, e então veio a Carolina... A a Carolina. Carol, para os mais íntimos... Rayssa podia chamá-la apenas de Cá, se assim fosse. Carol era aventureira. Gostava de fazer trilhas e se enfiar no mato atrás das mais lindas paisagens e sensações. Apesar de estar sempre suja e suada, Rayssa gostava dessa nova vida. Mas um dia aconteceu! Tragédia. Rayssa estava praticamente colada em Carolina e escorregou em uma trilha. Caiu de um altura imensa. Então se encontrou lá, perdida no meio do mato com fratura exposta.

Sofrimento. Choro. Carol Procurou e procurou e pediu ajuda, e informou o pessoal e tudo aquilo de dolorido quando chega a hora de dizer adeus.

O que ninguém sabia era que Rayssa estava viva! Apenas quebrada.

Rayssa estava no escuro, quebrada e no meio do mato. Passaram quase dois dias. Mas o Marvim a achou! O Marvim fez de tudo. Levou ela dali e a levou-a ao médico. Cuidou dela pessoalmente. O Marvim era um amor. Cinquenta e dois anos. Cabelos grisalhos e longos. Um homem leitor, um homem cinéfilo, um homem artístico. Marvim era fotógrafo, apaixonado por paisagens. O Marvim fez dela quase nova em folha - Chega um certo ponto da vida que não se pode estar cem por cento nem nos melhores dias -, mas tinha uma coisa. O Marvim era magro! O meu Deus mas que velho mirrado! Contudo ele não ligava. Gostou dela no memento em que a viu. Mesmo gorda. Onde ela via gorda, ele via perfeita.

Então ele a pegou de jeito, passou a mão em sua curva com dedos suaves... Era a hora, a hore do... Bem... Do encaixe. Nas suas ultimas experiências com homens, o encaixe estragara tudo. E Deus viu, que ela até tentou as mulheres, mas não tinha jeito. Rayssa tinha nascido era pra ficar com homem, e se não fosse esse... Ó Deus. Seria o fim.

Que sensação! Que belo encaixe, encaixou o nariz e encaixou ali atrás! Rayssa era o óculos mais feliz! Tinha finalmente encontrado um humano que lhe servia bem!

Thriller em segredo

Todas as manhãs, alguns minutos antes de ir para a aula, Fernando se sentava no mesmo banco da praça com o seu ipod ouvindo sua música em segredo enquanto tomava seu café. Em segredo porque ele gostava mesmo de Michael Jackson, e não daquelas merdas que todo mundo gostava. Lógico que ainda muitas pessoas gostavam do Rei do pop, mas não as pessoas que ele conhecia, e conseqüentemente, não as pessoas que frequentavam os mesmos lugares que ele. Mais estranho ainda que um desejo musical reprimido só o homem que sempre estava sentado ao lado de Fernando. Alto, branco, usando sempre um blazer bege com ombreiras que deixava a mostra uma camiseta vermelha; uma calça que era sempre da cor do blazer e um chapéu fedora marrom bem escuro que não deixava ninguém saber se ele era careca ou não. Na lateral do chapéu, o velho usava um broche que era o colete do Michael Jackson, aquele vermelho que ele usava no clipe de Thriller. Igualzinho ao broche do Fernando. Edição especial de colecionador. O velho de alguma maneira lhe transmitia confiança, assim, viraram colegas e o Fernando sempre dividia o fone com o homem até que acabasse o seu café.

Em uma noite sem importância, Fernando foi a uma balada qualquer com pessoas sem relevância e ainda por cima vestido com uma roupa sem tempero que se resumia em um jeans azul, uma camiseta preta e uma bota marrom. Contudo, dessa vez ele resolveu colocar seu broche igual ao do homem no lado esquerdo do peito. Também levava consigo o seu ipod. Sempre o levava para qualquer lugar. É sempre bom levar boa música no bolso. Essa noite Fernando ficou tão louco, perdido nas florestas da Babilônia que não se sabe mais o que se sucedeu naquela noite. Basta saber que, bem cedo, perto da meia noite, sob a luz da lua, Fernando dormiu em um banco da praça ouvindo as músicas do rei do pop no seu ipod enquanto alguma coisa o espreitava no escuro.

Não há como saber se foi um sonho ou outras substâncias, mas Fernando estava em cores. Imagens se dissolviam em sua cabeça, músicas tocavam repetida e rapidamente, até que ficaram lentas. Bem lentas. Girando. Piscando. Espiral. Violeta. Girando. Verde. Girando. A Z U L... g i r a n d o... G i R a N d O...

Fernando acordou uma hora depois, talvez menos, talvez um pouco mais. Mas o que é certo é que acordou com um chacoalhão.

- Acorda! Você vai acabar perdendo a festa!

- Oi – respondeu Fernando meio zozó – Qual festa?

- A do Michael cara, você vai né? Por que estaria vestido assim? Aliás, eu não deixaria esse aparelho assim à mostra. Essa belezinha é bem cara!

Fernando olhou para sua camiseta preta, mas agora ele também vestia um colete vermelho igualzinho ao do broche (que graças a Deus ainda estava no seu peito). Sua calça estava desconfortavelmente apertada e um Discman estava no seu colo no lugar do ipod.

- Vamos logo vai. Eu sou o Felipe – disse o rapaz puxando ele do banco.

- Eu sou Fernando – respondeu ainda zozzo.

Enquanto caminhava, sua mente foi clareando e ele pode perceber as pessoas todas com o mesmo colete vermelho (incluindo o Felipe) e com as calças apertadas indo para um mesmo lugar. Ele estava bem misturado, exceto pelo cabelo bem cortado. Todos usavam um cabelo armado ou meio comprido. No caminho, seguindo Felipe, pode perceber uma loja com grandes televisões de tubo que passavam um clipe do Michael Jackson. Aliás, percebeu que tudo estava muito estranho.

- Ow! Para aí, pra onde a gente tá indo? Quem é você e que dia é hoje?

- Nossa, cara, calma. Eu sou o Felipe, hoje é dia 16 de novembro e nós estamos indo pra uma balada especial do Michael.

- Tá... – “Tô sonhando, tô chapado ainda”, pensou – E por que você me acordou então? Se não me conhece?

- Te achei bonito – respondeu o rapaz numa naturalidade discreta. Felipe saiu andando.

Fernando ficou lá, parado, olhando tudo aquilo que era velho em volta. Se aquilo fosse um sonho, o pessoal da arte estava de parabéns. Tudo era muito real. A menina loira de cabelos volumosos e calça boca de sino sentada na calçada tirando um chiclete do ténis; o rapaz moreno com brilhantina e colete de couro preto fumando um cigarro encostado no carro; Aquela legião de moças e rapazes vestindo o colete do Michael; os carros quadrados e já meio sem cor. Todos pareciam personagens dos filmes do John Hughes. E em fim, mesmo sem entender nada... Melhor era aproveitar do que queimar os neurônios. Fernando seguiu Felipe.

A danceteria tinha o piso quadriculado e um daqueles globos brilhantes já meio desgastado. Estar ali, com pessoas entusiasmadas pelas mesmas coisas que ele gostava era indescritível. Principalmente na companhia de Felipe. Dançaram “Thriller”, “Beat it”, “The girls is mine”... Mas foi em “Human nature” que dançaram bem juntos. Fernando não tinha aonde dormir, Felipe tinha uma casa, mas tinha que ser em silêncio. Era tudo muito proibido.

A casa de Felipe era grande, com um tom azulado igual todas as outras e com uma cerquinha branca em volta. Na lateral, possuía uma espécie de grade e um cano que permitiam a escalada até o quarto do rapaz.

No quarto de Felipe, posters do Michael, Cyndi Lauper e Madonna praticamente forravam as paredes. Um toca discos estava em cima da escrivaninha.

- Não mexa em nada – sussurrou Felipe – Meu pai não pode acordar...

Então ficou silêncio. Felipe tinha o cabelo puxado para trás, olhos castanhos penetrantes, um nariz pontudo e fino. Uma pequena pinta na bochecha, lábios rosados, lábios avantajados, lábios, lábios molhados, beijo, beijo, lábios quentes...

- Ei, você consegue guardar segredo, certo? – sussurrou Felipe. – Ninguém, ninguém pode saber. Principalmente o meu pai.

Então mãos, mãos no colete vermelho, mão na camiseta preta, mãos na calça apertada, mãos no peito macio, mão na bunda redonda. Depois menos. Menos coletes, menos camiseta preta, menos tenis, menos botas, menos camiseta vermelha, menos meias, menos cueca, menos

vergonha, menos barulho, menos censura. E finalmente mais e maior. Mais desejo, mais vontade, mais rigidez, duros. Mais apertões, mais gemidos, mais barulho, mais impacto, duro. Mais a força, mais sensibilidade, maior o receptor, maior o tesão, maior o barulho, mais pessoas acordadas na casa. Silêncio. Maior o número de cigarros acesos.

Os barulhos na escada eram suaves, mas o suficiente para Felipe tomar um susto, jogar Fernando pra fora da cama, tacar suas botas pela janela. Fernando se vestiu sem jeito. Um último beijo, Fernando subiu na janela. Noite de terror, a porta bate, ninguém ia salvá-lo da fera pronta para atacar com o taco de baseball. Fernando tenta voltar. Felipe o empurra, ele escorrega e sua camiseta prende na grade. Ela rasga e ele cai. Antes de adormecer ele vê sua camiseta balançando com o vento, ainda presa na grade e ao som da cantoria vinda do quarto de Felipe: “Seu viado! Um maricas! Não! Não! Você vai aprender! Vai apanhar até virar homem!”.

Fernando acordou em sua casa, sem camisa, com o ipod do lado da cabeceira, ressaca, dor de cabeça. Era dia de aula. Se trocou e foi tomar o seu café no banco da praça. Igual a todos os outros dias, o homem de blazer veio sentar ao seu lado.

- Eu acho que eu perdi o meu broche ontem... Posso ver o seu? – o homem tirou o seu chapéu (não era careca afinal), entregou a Fernando e o observou. O broche já estava velho e meio escurecido, mas ainda dava pra reconhecer o colete vermelho do Michael, ele devia usar o broche muito mais vezes que Fernando jamais usara.

- Eu tive que procurar até o quinto dos infernos pra achar um desses. Aonde você conseguiu o seu? – perguntou Fernando.

- Bom, é uma longa história... – disse o homem olhando para frente. Fernando percebeu uma enorme cicatriz na lateral de sua cabeça, alguns centímetros acima da orelha. Talvez esse fosse o motivo de ele usar o chapéu.

- Eu tenho bastante café ainda... – insistiu o rapaz.

- Tudo bem então, eu conto, mas... Você consegue guardar segredo, certo?

Vovô Joe: o contador de histórias

- Oi vô Joe, como é que tá?
- Bom dia, eu me chamo Green, Joe Green. Você quer um chocolate?
- Não... Eu sou o seu neto Will...
- William! Venha aqui dar um abraço no seu vô! Sente-se, como estão indo as coisas?
- De boa...

Sabe rapaz, quando eu nasci meu pai queria porque queria mudar para Londres. Sei lá, tinha um sentimento bom sobre o lugar. Mas, assim como quase todo mundo as minhas memórias mais claras começam quando eu tinha mais ou menos uns oito anos. Minha lembrança mais forte é a da primeira vez em que eu vi a menina mais linda que eu já tinha visto até então. Loira, delicada de olhos grandes e azuis. O problema, é que ela sempre me olhava de um jeito esquisito. Pelo menos era esquisito pra mim nos meus oito anos.

As crianças lá do bairro tinham um lugar secreto para se encontrar. O esconderijo da fonte. Não era nada além de uma velha construção abandonada que possuía uma fonte no centro. Uma fonte que diferente de todo o resto, ainda funcionava. Todos nós a usávamos como bebedouro. E foi exatamente ali que eu conheci a menina dos olhos azuis.

Algo que ninguém sabia era que eu gostava de ir no esconderijo logo pela manhã, quando as primeiras luzes do dia refletiam na fonte. Naquela época eu pensava que se eu tomasse a água banhada pela luz, eu jamais deixaria de ser criança. Agora, o que nem mesmo eu sabia era que Alice sempre me seguia e ficava me observando. Até que um dia ela me pegou de surpresa enquanto eu bebia a minha água sagrada. Sem muita escolha eu expliquei para ela o poder da fonte e a convidei para beber água comigo. A fonte possuía dez pequenos jatos que esguichavam formando pequenas parábolas, e ela veio beber justo na que eu estava bebendo! E assim mesmo como em um filme, nossos lábios se tocaram e foi a primeira vez que eu beijei alguém. Logo depois eu tomei a única atitude que eu poderia ter tomado. Fiquei ali, parado feito uma estátua enquanto ela ia em bora saltitando.

Algumas semanas depois Alice chamou muita atenção. Ela começou a contar histórias fantásticas sobre um coelho de terno e relógio de bolso. Não demorou muito para as outras crianças (inclusive eu) começarem a fazer aquilo que as crianças fazem de melhor: serem más com as outras crianças. Da noite para o dia, a menina virou a mentirosa do bairro. A coisa ficou tão séria, que até os pais começaram a achar a companhia de Alice ruim para seus filhos. Eu não me orgulho de dizer isso, mas eu era um dos que mais judiava da pobre menina. Eu é que sempre começava com comentários maldosos na frente das outras crianças. Mas o universo iria logo me ensinar algo sobre a vida.

Poucas semanas depois de Alice, eu juro por tudo nessa vida que eu vi quatro crianças voando sobre o grande Big Ben, eles eram perseguidos por um grande vaga-lume e fugiam em

direção a duas grandes estrelas. A primeira coisa que eu pensei foi que a loucura de Alice tinha passado pra mim naquele beijo da fonte. Mas algumas noites depois eu vi as quatro crianças voltando e sobrevoando o relógio novamente. Eu tinha que contar aquilo pra todo mundo. Mas veja bem... Se as pessoas não aceitaram bem a história do coelho... Você já deve imaginar no que deu. Até mesmo Alice, a excluída, me excluiu. A coisa ficou tão feia que meu pai resolveu voltar para a América e me matriculou em um internato: a Academia Welton.

No internato as coisas eram bem monótonas. Houve apenas um episódio que repercutiu pela escola inteira. O caso de um garoto que se suicidou. Ele não era da minha turma, mas dizem que o culpado foi um professor que estava ensinando ideias rebeldes para os alunos. Ai o rapaz enlouqueceu e se deu um tiro. Que eu me lembre a coisa era tão feia que os alunos até chamavam esse professor de “Meu capitão”. Mas para você ver como esse mundo é pequeno, alguns anos depois, mas ainda antes de entrar na faculdade, eu me alistei para o exército e fui servir na guerra do Vietnã. Lá, eu encontraria esse polêmico professor.

Aos vinte anos de idade eu havia decidido ser médico, logo, aproveitando a oportunidade de servir o meu país, acabei na guerra do Vietnã para servir como enfermeiro. Para tentar animar o espírito dos soldados (se é que isso é possível) um homem montou um divertido programa de rádio cujo nome eu não me recordo. Logo, eu descobriria que esse homem era aquele polêmico professor e isso me fez duvidar de todas aquelas histórias que eu ouvi na academia Welton. Fora isso, a minha estadia na guerra não foi tão animada quanto se mostra nos filmes.

Já de volta nos Estados Unidos eu servi mais um tempo no centro de recuperação para soldados feridos. Lá, tinha um rapaz que só jogava ping pong. Era engraçado, ele jogava todos os dias, até mesmo sozinho. Ele também tinha um amigo mal humorado... Um soldado que havia perdido as pernas. A última notícia que tive foi que acabaram virando sócios e enriquecendo.

Dispensado do meu serviço, chegada era a hora de me tornar um médico. Algumas histórias da faculdade são interessantes, mas nada que supera o que eu vou lhe contar. Depois da guerra, eu decidi correr todas as manhãs pelo parque. Em um dia não muito diferente dos outros dias, exceto pelo calor eu parei para tomar água em um bebedouro até que alguém invadiu o meu espaço violentamente para beber água no mesmo jato que eu. Obviamente, pego desprevenido, fui beijado por um estranho e já ia começar um escândalo quando vejo Alice rindo na minha frente. Tinha se tornado um linda mulher, estava estudando para ser médica (acredite se quiser), mas os olhos grandes e azuis que me encaravam eram os mesmos. Então, a louca do coelho de terno e o estranho das crianças voadoras. Marcamos um café.

Conversamos sobre o coelho, sobre as crianças, e o mais importante: os desaniversários. "Mas que raio que são desaniversários? São os dias que não são aniversários?" - perguntei. Então, sua avó me explicou naquele dia que, apesar de muitas pessoas interpretarem assim os desaniversários, esse meu chute estava equivocado. O jeito correto, era pensar assim: quando alguém morre, começavam os seus desaniversários. Se alguém morre com sessenta e dois anos, tem exatamente sessenta e dois desaniversários.

- E aí o que acontece depois?

- Sei lá, eu ainda estou na fase dos aniversários... Mas voltando.

Ficamos no café até tarde e quando resolvemos ir em bora caiu uma chuva que não era desse mundo. Nem mesmo o guarda-chuva poderia nos salvar, então, simplesmente o ignoramos

e nos permitimos uma caminhada pelas ruas. Quando chegamos na frente da casa na qual ela estava hospedada, paramos embaixo de um poste de luz... Estava chovendo muito forte, ela olhava para mim com aqueles olhos grandes, eu fazia o meu melhor para não parecer bobo... Uma típica cena de filme romântico se não fosse por um louco que apareceu dançando enquanto cantava e pisava nas poças do outro lado da rua com um guarda-chuva na mão... Naquela época já existiam drogas.

Eu virei pediatra e ela cardiologista. Trabalhávamos no mesmo hospital, porém, odiávamos trabalhar juntos. Pois, isso significava que crianças estavam com problemas no coração, e elas são muito jovens para isso. Não tínhamos tempo para nada, exceto ir ao cinema. Posso dizer com certeza que éramos o casal mais cinéfilo do bairro. Depois que casamos compramos nossa casa em uma das ruas do cinema da esquina. Pouco antes de ela ficar grávida tivemos uma fase boemia que se resumiu na sua avó bêbada e eu carregando ela pra baixo e pra cima. Hoje eu só consigo rir quando me lembro disso, na época eu costumava ser... Mais enérgico.

Depois ela ficou grávida da sua mãe... E aí você já deve saber. O que a vida me deu com uma mão, ela tirou com a outra. Toda vez que eu me sentia feliz por ter uma filha linda e saudável eu me sentia triste por não poder dividir isso com a minha mulher. Sua mãe era igualzinha a mim (sorte a dela que eu sou bonito), exceto pelos olhos, os mesmos olhos grandes da sua vó.

Como você bem sabe, eu acabei me casando de novo. Eu era jovem ainda. Mas eu comemorei todos os desaniverários da sua avó do jeito correto, como ela havia um dia me ensinado. Uma vela grande, um bolinho de maçã e um copo de hidromel. Confesso que eu personalizei um pouco a meu gosto, e esse copo acabou virando uma garrafa. Ainda assim, eu nunca mais fui no cinema.

Sua mãe deve ter te contado, porque eu sei que ela é fofoqueira, eu fui um velho rabugento por alguns anos. Uns trinta mais ou menos. Até que você nasceu. E eu só conhecia uma pessoa mais rabugenta do que eu. Você. Molequinho chorão, mimado. Coisinha enrugada e barulhenta. Em cinquenta anos como médico, quarenta e cinco como pediatra nunca. NUNCA vi alguém pior. Sua mãe trabalha muito, sempre trabalhou. Seu pai, aquele imprestável e seus outros avós aquelas duas múmias. Você ficava comigo. Você gritava, eu gritava mais alto, então você parava; você fazia cara feia, eu fazia mais feia, aí você parava. Seis anos. Até que você queria porque queria ir ao cinema. Fomos. Depois de trinta e seis anos, eu estava no cinema. Assistimos uma animação sobre um velho e um escoteiro gordo que voavam em uma casa amarrada em balões. Nós dois. Lembra quando você era gordo William? Pois bem. Eu lembro. E também lembro que quando eu sai daquela sala... Estava tudo bem. Em paz.

Obrigado Will, por ter sido mais rabugento do que eu.

- Vô? Vô Joe?

- Oi Filho tudo bom, desculpa a demora, vim assim que você ligou, o que aconteceu?

- Aparentemente... Começaram os desaniversários.

Amigos até o fim

A fumaça de meu cachimbo dançava lentamente em contraste com as línguas de fogo que lambiam a lenha enquanto se alternavam entre amarelas e laranjas. Eu me afundava na minha poltrona de estofado vermelho ao mesmo tempo em que encarava a minha escrivaninha. A luz da lareira iluminava de modo precário a escrivaninha, mas ainda era possível visualizar um porta retratos. Ele ficava em um ponto estratégico da mesa, com a finalidade de esconder o compartimento da arma. Eu a mantinha bem escondida.

Não era possível enxergar a foto de onde eu estava . Talvez nem se a iluminação fosse boa e a foto estivesse virada para mim eu conseguisse enxergá-la. A idade também havia me levado a boa visão. Contudo, não havia importância. Eu sabia exatamente quem estava naquela foto. Éramos nós. Viktor, Thomas, Simmon, e Arnold. No começo éramos três, e nos chamávamos de Kort, Moth e Sino. Depois conhecemos o Arnold e seu apelido acabou sendo só Arny mesmo. Melhores amigos, até o fim de nossas vidas. O que de certa forma ocorreu.

Se um dia você tiver a oportunidade de ficar velho o bastante, talvez seja, assim como eu, o último de seus melhores amigos. Nos conhecemos durante toda a vida e fomos inseparáveis na escola primária. Algo que nunca mudaria, nem mesmo com curvas da vida pois, amigos são sempre amigos. Ainda assim, fomos parar na mesma universidade, só que em cursos diferentes. Moth, Relações internacionais; Sino, Geografia; Arny, Jornalismo; eu, Engenharia química. Alguém tinha que ser do contra.

Na época da faculdade Sino acabou se afastando um pouco de nós. Ele estava muito empolgado em conhecer gente nova. Não podíamos culpá-lo. Sinceramente, só um monte de maconheiro vagabundo. Mas enfim, isso nunca foi um problema para nós.

Houve apenas uma vez que eu fiquei bravo com Sino. Foi no aniversário de Moth. Sino nos convenceu a quebrar a nossa tradicional ida ao bar “Jazz n’Roll” para irmos a uma festinha horrível da nova turma dele. Eu fui fortemente contra, mas Moth sempre foi bastante flexível. Fomos na tal festa, mas, para garantir levei um pouco no nosso whisky de passas para o brinde da meia-noite. Chegamos um pouco antes do horário combinado para encontrar Sino, que já estava lá. A festa era em um campo aberto, com um som horrível e uma cerveja barata de nome “Shewpsus”.

Sino estava tão chapado quando o encontramos que até se esqueceu do aniversário... Aquilo não se fazia, não cm seus melhores amigos. Ali, tínhamos perdido um membro, mas eu nunca tive a chance de dizer isso a ele. Preparei os copos e brindamos a virada do aniversário de vinte e um anos de Moth. Exatamente trinta e dois segundos após beber, Sino caiu duro que nem uma pedra no chão. O primeiro pensamento foi que era coisa de gente chapada. Depois ficou mais sério. Chamamos a ambulância. O laudo foi de overdose... Não deram muitos detalhes. Moth e eu ficamos sem tocar no assunto um mês inteiro. O Arny nunca superou.

Então seguimos nós três até o final da faculdade, quando Moth arrumou uma namorada... Não mais uma dessas que a gente sabe que logo menos já não vai fazer parte da turma. Mas uma daquelas que a gente sabe que vai ter aguentar pra sempre. No final, eu estava errado. Quase já

não víamos nosso amigo, a namorada dele muito menos. A turma não havia crescido, e sim diminuído. Até que um dia fomos no bar. Conversamos, rimos, bebemos, fumamos e Moth veio com aquela história. “Vou pedir a mão de Emma em casamento”.

Silêncio.

Eu olho para o Arny, ele olha de volta. Nós dois olhamos para Moth. Eu ia protestar, dizer que era muito cedo, que era um erro, que aquilo era a excitação do momento... Mas enfim. Arny foi mais rápido. “Que ótimo Moth! Você tem todo o nosso apoio!” - porque afinal é isso que amigos fazem. Apoiam uns aos outros, ficam juntos pra aguentar qualquer situação. Em menos de três meses, estávamos nós em uma pequena porém simpática igreja para o casamento de nosso amigo.

Antes da cerimônia começar eu lembro de estar encostado em um Mustang preto, todo pintado e cheio de latinhas amarradas na traseira (créditos a mim por esta arte), junto com Moth enquanto fumávamos um charuto. Naquele momento ele me perguntou se estava tudo bem. Eu respondi que só não queria que ele virasse um cara chato de família, daqueles que só vão em degustações de queijo com outros casais. Então ele me perguntou se eu entendia que agora ele iria iniciar outro ciclo de vida no qual nós não podíamos fazer parte. Eu disse que entendia. Então ele entrou na igreja e eu fiquei para terminar o charuto. Ali eu vi que perderíamos de vez outro membro do grupo, mas eu nunca tive a chance de dizer isso a ele. A notícia que deu foi que o carro perdeu os freios enquanto eles iam para a lua de mel. Os dois morreram na hora.

Dessa vez Arny não conseguia acreditar. Estava perturbado... Mas o tempo acabou obrigando ele a lidar com seus demônios. Enfim éramos só nós dois. Eu fiz carreira no ramo de combustíveis e ele na reportagem investigativa. Eu comecei a chamar ele de Arny Holmes. Quarenta anos se passaram desde a última vez em que estivemos com Moth e eu recebi uma visita em casa. Era Arny.

Chegou de noite, em um horário meio inconveniente - devo admitir. Estava branco, mas com os olhos duros e a cara fechada. Aceitou uma bebida para combater o frio da noite e não quis se sentar. Estava inquieto. Quanto perguntei o que havia acontecido ele explodiu. Me disse coisas horríveis, me chamou de louco, de psicopata, me culpou pela morte de nossos amigos. Disse que tinha nojo de mim, que não conseguia nem me olhar nos olhos. Talvez os traumas tivessem sido muito maiores do que eu imaginei. Aquele dia Arny pegou a minha arma e se deu um tiro na têmpora.

Então eu acendi meu cachimbo, liguei para a polícia e esperei na poltrona vermelha enquanto a lareira me aquecia. O corpo de meu amigo estava esparramado no chão e a arma estava em sua mão.

Foi exatamente assim que tudo aconteceu.

O velho senhor Hopper

Com tamanha precisão e metodismo, sem nunca pular um único dia, o velho chegava à calçada quando o relógio anunciava treze horas exatas. Ele se sentava, retirava uma caixinha de madeira que ficava no bolso da calça. Nessa caixinha ele guardava seu cachimbo, também de madeira, no qual ele colocava tabaco com mãos tão carinhosas quanto as de uma mãe que acaricia a testa de seu bebê. Então, quando o relógio anunciava treze horas e dois minutos o velho puxava uma caixinha de fósforos do bolso. O primeiro fósforo sempre se apagava, era como se ele tivesse ensaiado tudo aquilo. Para acender o segundo fósforo ele franzia o cenho enquanto apertava o cachimbo entre os lábios e fazia uma conchinha com a mão livre em volta do fogo. A exatas treze horas dois minutos e quarenta e sete segundos ele dava o primeiro trago. Então fumava por exata meia hora, com o olhar perdido a esmo e em silêncio.

Do outro lado da rua, os padeiros enlouqueciam. John dizia que o velho Sr. Hopper havia perdido o filho em um acidente de trabalho em uma fábrica de parafusos. Dizia que o cachimbo era a única coisa que havia lhe restado de lembrança.

Pipe dizia que o velho Hopper nunca teve filhos e que havia ido para a guerra, isso sim. Havia sido capturado e todas as vezes que ele era levado pro açoite à luz do sol, a exatas trezes horas dois minutos e quarenta e sete segundos, tomava a primeira chibata enquanto olhava o general inimigo dar o primeiro trago em seu cachimbo.

Knox, o confeitiro, falava que os meninos eram muito fantasiosos e que tudo não passava de uma triste história de saudades. Dizia que o Sr. e a Sra. Hopper costumavam almoçar ali – que antes fora um pequeno e charmoso restaurante – quando ainda eram jovens amantes. Knox enfatizava que fora apenas depois que a Sra. Hopper deixou o marido viúvo que ele voltou a fumar na calçada. Mas ninguém sabia ao certo, pois ele já fazia isso há muitos anos.

Billy, o dono da padaria, ficava furioso com essas especulações e dizia que cada um devia mesmo era cuidar das próprias contas! Contudo, ele sempre comentava com a esposa que o caso do velho Hopper havia de ser problema de cabeça. Daqueles que a pessoa trava e fica repedindo sempre a mesma coisa na mesma hora do mesmo jeito.

Bucky era o que mais enlouquecia. Tinha uma teoria tão louca que fica até difícil para mim, que sou narrador da história, explicar. Mas basta saber que ele pensava que as ações do velho tinham ligações com os números dos horários em que elas ocorriam, e que isso de algum modo era uma chave para uma mensagem que ele tentava há anos passar as pessoas. Pobre Bucky.

Um dia sem ninguém mais aguentar de tanta curiosidade, chamaram o Gus. Gus era um menino de uns seis anos, gordinho, que trabalhava na sapataria vizinha a padaria. Deram um enorme pirulito para ele e pediram para que ele perguntasse ao velho Hopper por que ele fazia todo aquele ritual.

Gus perguntou e quando voltou à padaria, todos o esperavam ansiosamente. O rapaz olhou todos aqueles olhos sedentos de informação, disse muito rápido: "elemefezprometerquenãointariaaninguém" e saiu correndo. Gus cresceu, emagreceu, virou escritor e, até hoje, mantém a sua palavra.

As preliminares de um jantar em família

-Marcelo! Vem tirar essas coisas aqui da mesa pra eu colocar a janta ô puta que o pariu! Já tinha falado pra você tirar essas tralhas daí. Marcelo! Caralho Marcelo!

- Já vai mãe, não grita. Puta susto. Quanto mais velha, mais surda você fica pelo amor.

- Ah seu filho da puta. Respeito é bom e conserva os dente na boca.

- Não sei quem é mais velha, essa frase merda aí, ou você.

- Vai te foder. Quem vem hoje? A Dinha vem?

- Vem sim.

- Vem sozinha?

- Acho que vem com a namorada. Uma tal de Susan, quer apresentar.

- Essa menina não tem jeito mesmo. Já em 2040 começou com essas graça. Na minha época não tinha essas putaria não. Era homem com homem e mulher com mulher. Mas isso é culpa sua Marcelo. Faltou é dar uns chacoalhões nessa menina ai pra ver se as ideia entrava no lugar isso sim.

- Deus sabe que eu tentei. E compra boneca, vestido, quarto rosa, a porra toda. Aí ela me vai e rouba tudo os brinquedo do Luis Fernando. Mas que merda de moleque frouxo. Chorava e chorava. Esse ai sim surpreendeu, não sei nem como casou e teve filho.

- Tudo mentira esse teu filho viado aí. É tudo fachada. A mas se teu pai fosse vivo viu. Ele sim curava essa viadice do teus filho com quatro cintada bem dada. Duas em cada um. Essa geração moderna, tudo uma pôca vergonha. Se eu fosse você ficava de olho nesse teu neto aí. Fica aparecendo com umas camiseta apertada não tem nem quinze anos já tá boiola já.

- Eu já tô velho pra ficar me preocupando com o cu alheio. Vou é ficar de olho no meu que já não tá sabendo a diferença de gasoso e sólido mais.

- Cu é diferente da gente. A gente fica velho e enruga, o cu fica velho e alisa.... Menos o cu do seu neto. Vai dizê que essa sua família errada não te incomoda?

- De verdade, não mais. No fundo, no fundo, a gente sabe que só viado quer ter filho viado, mas depois acostuma. Acho que é tudo culpa desses desenhos de hoje em dia. Aqueles bichinho colorido, tudo viado. Ai me diz como uma criança que cresce vendo essa merda pode crescer direito.

-A sua filha não assistia essas merda e tá aí. Essa menina já nem é sapatona mais, ela é um belo par de coturnos isso sim. Isso aí... É falta de pau. Pronto falei. Nunca vi essa menina com um macho. Faltou alguém pra pegar ela de jeito isso sim.

- Falta de rola tem é essa sua xana velha. O lado bom de filha lésbica é que nenhum vagabundo saiu por aí desvirtuando a menina.

- Já em compensação o seu filho...
- Mas que puta que me pariu eihh mãe! O Luis é casado já, ele é um menino educado só.
- Educado, bonito, cheiroso.... Ele corta a unha do pé toda a semana, Marcelo! A unha do pé! Você alguma vez já viu ele arrotando? Ou peidando alto?
- Não...
- Que raio de homem que é esse que não peida, Marcelo?
- Puta merda mãe, deixa o menino em paz.
- Em paz é o caralho, tudo isso é culpa desse papo de mente aberta. Na minha época essa história de gay era proibido. Nós estamos é em extinção meu filho.
- Pois é, mas isso eu me preocupava quando eu tinha quarenta anos... Agora com setenta quero é que se foda. Já tenho a filha gay, o Luis é delicado, mas é homem. Agora o Luizinho... O Luizinho é problema do Luis. Já aguentei muita zoeira nas minhas costas já. Tô calejado.
- Alá, Alá, o carro da Dinha ali. Vai pegar os copos rápido.

“Kaba” sutra

Tudo começou bem devagar. Os beijos suaves, as mãos fazendo carinho na nuca... e então, o ritmo foi aumentando. Boca no pescoço, mão embaixo da blusa, aquela coisa meio sem jeito de jovem que só querem transar, mesmo sem fazer a menor ideia de como fazê-lo. Blusas jogadas ao chão, ele a chupa até sentir o prazer dela escorrer pelo queixo. Ela sente a língua morna do namorado em seus mamilos duros enquanto rebola no pau dele, isto é, sem deixá-lo entrar. Como explicar a falta de um hímen quando fosse a médica com sua mãe?

Ela decidiu então chupá-lo, era boa nisso, exceto pelo seu enorme nariz, que dificultava um pouco as coisas. Mas isso era que nem o beijo, e ela já havia aprendido a lidar com ambos. Engoliu o pau dele por inteiro, enquanto brincava com as bolas. Depois as lambeu delicadamente enquanto massageava a cabeça e sentia seu namorado se contorcer na cama. Ouviu ele pedir para que parasse um pouco, então aumentou a velocidade e o fez explodir em sua boca. Engoliu tudo e o olhou na esperança de que ele não quisesse mais nada. Não sabia quanto tempo mais conseguiria dizer não.

Eles já haviam tentado de tudo. Na boceta não podia. No cu doía. Na orelha não cabia e na boca a graça já se perdia. O pau dele continuava firme que nem uma espada apontada para ela. Então, ela decidiu fazer um “69” nele, os dois gostavam muito dessa posição. Ela o chupava forte e rápido até que naquele movimento bruto de vai e vem o pau lhe escapou da boca e abriu caminho pela narina direita. Ele gemeu e ela gritou.

-Amor? Tá tudo bem aí?

- Bais ou benos...

- O que foi?O que foi isso que você fez?

Ela tirou o pau do nariz e explicou a situação.

- E isso dói?

- Não... – Respondeu ela – Na verdade... eu até gostei.

Tinham encontrado então. Começaram a explorar novas posições. Mas só na narina direita. A esquerda não cabia por causa do desvio de septo. Era macio, úmido e deliciosamente quente. Ela o chupava e depois encaixava o pau dele no nariz e começava a balançar a cabeça como se estivesse concordando fervorosamente com alguma coisa. Ele a segurava pelos cabelos enquanto metia forte naquele nariz gostoso e pontudo enquanto ela se tocava e gemia baixinho. O nariz dela era tão apertado que ele demorou uns dois meses pra durar mais do que três empurrões dentro dele.

Não demorou muito para o namorado se sentir curioso, então ela começou a enfiar dedo no nariz dele. Ele tinha vergonha, mas gostava muito. Tanto que ela teve até que começar a cortar as unhas pra não o machucar.

Se antes era só aquela esfregação agoniada de quem não podia transar direito, agora eram dois amantes inseparáveis. Acoplados um no outro. Era meio deselegante quando um deles ficava gripado e o nariz escorria... Mas, não existe tempo ruim pra quem ama.

Sementes soterradas

Areia que escorre.

Jovem que morre.

Envolve a ferida
da madeixa caída

Em ruínas ancestrais,
procura,

Que encontrar vais:

bonecas, cardaços,
talvez uma rosa.

Entre os barracos
uma alma vigorosa

Talvez inconsciente,
um espírito que dança,
Ao silêncio da esperança.

Micro-Contos

Infância perdida

Quando acordou, ele ainda estava no sofá.

Cavalheirismo

Carregava a esposa até o quarto. Devia ter esperado subirem as escadas para dar-lhe as facadas.

Carnaval

Dormiu como um menino. Acordou como uma borboleta.

O regresso

Cena #1 - in - BANheiro de Márcio - dia

Márcio (30 anos, negro) seca passa uma toalha na cabeça enquanto usa a outra na cintura. É possível ver uma marca perto de sua clavícula, uma marca de tom caramelo semelhante a uma espiral.

CENA #2 - IN - Sala - DIA

Márcio sai de casa usando camisa e gravata. Após alguns instantes ele volta pois esqueceu as chaves do carro.

CENA #3 - IN - SALA - Noite

Márcio volta para sua casa cheio de sacolas de compras.

CENA #4 - IN - Cozinha - NOITE

Márcio coloca as compras no armário vazio.

CENA #5 - EX - Janela d quarto de Márcio - Noite

Márcio de pijamas apaga as luzes.

CENA #6 - IN - SALA - DIA

Márcio sai de casa usando camisa e gravata.

CENA #7 - IN - SALA - Noite

Márcio volta para sua casa cheio de sacolas de compras.

CENA #8 - IN - Cozinha - Noite

Márcio abre o armário para guardar as compras e percebe que ele está cheio.

Márcio

Vish... To ficando caduco.

CENA #9 - EX - Janela d quarto de Márcio - Noite

Márcio de pijamas apaga as luzes.

CENA #10 - IN - Sala - DIA

Márcio sai de casa usando camisa e gravata. Após alguns instantes ele volta reclamando.

MÁRCIO

É domingo Márcio, domingo!

CENA #11 - IN - Sala - Noite

Márcio no interfone.

MÁRCIO

Não Jandir, não tenho irmão não e hoje também não é meu aniversário. Pode mandar esse cara embora.

O celular de Márcio toca.

MÁRCIO

Alô?... Olha não sei como você conseguiu meu número nem como vocês está cadastrado aqui, mas não tenho nenhum irmão Marcelo e hoje não é meu aniversário. Ou você para, ou eu chamo a polícia.

Márcio desliga do telefone.

MÁRCIO

Como se eu não soubesse meu próprio aniversário...

Silêncio... Márcio olha preocupado para o nada. O celular toca novamente e Márcio encara o aparelho.

MÁRCIO

Melhor tomar um banho

Cena #12 - IN - Banheiro de Márcio -Noite

Márcio sai do box de toalha, enquanto passa outra na cabeça. Se olha no espelho. Em um piscada Márcio enxerga uma criatura de toalha em seu reflexo. Grita e cai no chão. Quando levanta, a imagem no espelho está normal.

A criatura não possuía olhos ou boca, muito menos se parecia com algo vagamente humano. Márcio coça os olhos e vai se deitar.

CENA #13 - EX - Janela d quarto de Márcio - Noite

Márcio de pijamas apaga as luzes. Um clarão azul e verde sai se sua janela em um longo e rápido lampejo.

CENA #14 - IN - Apartamento de Márcio - Dia

Pronto socorro na porta de Márcio enquanto seu irmão conversa com um médico.

Marcelo

E ai ele não atendia mais as ligações e hoje de manhã a vizinha ligou falando que ele só berrava e berrava.

Médico

Desculpa, seu nome?

MARCELO

Marcelo Castanha, sou irmão do Márcio.

MÉDICO

Okay, e aí quando você chegou aqui?

MARCELO

Usei a chave reserva que fica na casa da nossa mãe e vim pra cá. Quando entrei, ele estava no chão chorando e chorando. Não conseguia andar nem falar, só chorar.

MÉDICO

Muito bem, nós vamos sedá-lo e levá-lo para o hospital, você pode acompanhar se desejar.

Dois enfermeiros passam com uma maca onde Márcio dorme sem camisa e é possível notar que sua marca de espiral sumiu.

CENA #15 - IN - Hospital - Noite

Corredor do quarto de Márcio... É possível ver um clarão azul e verde que vem de uma grande janela ao lado. Aproximando-se dessa janela. É possível ver um bebê dormindo com uma marca que lembra um espiral no ombro.

FIM